

Desbridar a pele necrosada do ensinante: o cansaço do corpo

Erivan Elias Silva de Almeida
Erni Soares Azevedo Junior
Ieda Maria Giongo
Morgana Domência Hattge
Edgar Henrique Hein Trapp

- 1 Universidade de Gurupi – (UNIRG), Gurupi, TO, Brasil.
- 2 Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, RS, Brasil.
3. Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, RS, Brasil.
4. Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, RS, Brasil.
5. Secretaria de Saúde do Estado do Tocantins (SSET) – Guaraí, TO, Brasil.

Resumo: Este texto procura esclarecer o processo do adoecer psíquico que o profissional da ensinagem sofre para atingir os objetivos particulares e desejáveis em função da cobrança de uma sociedade pujante atual. Como base literária, debruçamos em uma aproximação às discussões filosóficas de Byung-Chul Han (2017) que explora em sua literatura sobre a sociedade do cansaço, ainda que de forma midiática, o quanto o sujeito está passível desenvolver patologias promovidas por reações hiperativas, culminando muitas vezes em uma síndrome de Bournout, no auto desejo de encontrar o seu “eu ideal”. Ressalta-se que o resultado obtido no artigo foi o de questionar o quanto é insipiente afirmar que todos os profissionais do ensino conseguem atingir os objetivos propostos por esta sociedade do desempenho sobre um corpo e uma sociedade cansada.

Palavras-chave: Ensinante; Sociedade cansada; Auto desempenho.

Abstract: This text seeks to clarify the process of psychic illness that the teaching professional suffers to achieve the particular and desirable objectives due to the demand of a current thriving society. As a literary basis, we focus on an approach to the philosophical discussions of Byung-Chul Han (2017) that explores in his literature on the society of tiredness, albeit in a media way, how much the subject is liable to develop pathologies promoted by hyperactive reactions, often culminating in a Bournout syndrome, in the self-desire to find the “ideal self”. It is noteworthy that the result obtained in the article was to question how insipient it is to affirm that all teaching professionals are able to achieve the objectives proposed by this performance society over a tired body and society.

Keywords: Teaching; Tired society; Auto performance.

Como citar: ALMEIDA, E. E. A.; JUNIOR, E. S. A.; GIONGO, I. M.; HATTGE, M. D.; TRAPP, E. H. H. Desbridar a pele necrosada do ensinante: o cansaço do corpo. *Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais*, Luziânia, v. 1, n.2. p. 24- 28, 2020. <https://doi.org/10.4322/2675-4177.2020.016>

1 INTRODUÇÃO

[...] Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que

Apoio financeiro: Nenhum.

Conflitos de interesses: Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse.

Correspondência: erivansilva0091@yahoo.com.br

Recebido: 18 Jul 2020.

Aprovado: 18 Ago 2020.

Editor: Marcelo Máximo Purificação.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma [...]

Marina Colasanti (1972)

Como é ser um ensinante em uma sociedade moderna com diversas facetas, em um tempo já cansado pela liquidez e rapidez instantânea? Talvez a resposta para este questionamento encontra-se nas discussões de Bauman (2000, p. 26) como sendo esta sociedade [...] compulsiva e obsessiva, continua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa [...], uma criatividade com dons destrutivos e, como o mesmo autor mencionou: “[...] ‘limpar o lugar’ em nome de um ‘novo e aperfeiçoado’ [...]” (ib. idem).

Outra pontuação que nos fazem pensar é a que Han (2017) ponderou sobre a sociedade do cansaço, quando o desempenho não é medido pelos esforços para conseguir a sua maximização e o alcance do poder desejado. No entendimento de Bomtempo (2018), esta mencionou que o primeiro capítulo do livro a “Sociedade do Cansaço” de Han (2017) como a “Violência neuronal”, que discute sobre este movimento atemporal do século XXI, sendo caracterizado pela presença de enfermidades neuronais, regido por esta sociedade do desempenho, em que o sujeito tem uma convicção desta autogestão e, acaba esquecendo-se de si, como indivíduo que adocece e, por esta reação hiperativa, poderá culminar, por exemplo, em uma síndrome de Bournout.

Com base nas reflexões ou argumentações desenvolvidas anteriormente, Figueiredo (2018, p. 96) acrescentou ao discurso de Han (2017) quando questiona ou menciona que o sujeito é vítima em situações laborais e na própria vida diária, supostamente dividida entre os vencedores e os perdedores, o que esta última situação encontra-se em ênfase pela sensação do sujeito ser insuficiente e impotente, vitimizado pela síndrome de Bournout, tomando-se aqui o professor como alvo desta sociedade cansada.

Percebe-se que esta patologia de Bournout, exemplificada anteriormente, não é regida por infecções ou territórios endêmicos como no século passado. Esta, ocorre sim, pelo excesso de positividade que o sujeito se coloca frente a sociedade. Como Han (2017, p.23) aponta “[...] entrou uma outra sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética”. E, porque não pensarmos também, frente a própria sala de aula, como um sujeito ensinante.

Todavia, o próprio Figueiredo (2018, p. 95) faz uma crítica aos argumentos de Han (2017) quando menciona que suas ideias sugestivas é “[...] característica do estilo midiático e algo sensacionalista, parte, aliás, dos fenômenos culturais que ele examina: vazio, depressão, hiperatividade, déficit de atenção [...]. A sua crítica, em reservado, declina-se sobre um anexo do livro Sociedade do cansaço, a parte intitulada “Sociedade do esgotamento”, quando Han arrisca desenvolver uma ponderação acerca das suas discordâncias com a psicanálise freudiana, em relação aos conflitos e a força superegógica dos deveres e interdições.

Para ilustrar este cenário e potencializar a discussão acerca dessa sociedade, Han (2017) sugere é que, na contemporaneidade, os problemas do narcisismo ganharam um terreno fértil, em detrimento dos problemas de controle pulsional e relações de objeto, o que acaba, como o autor mencionou, como o “Supereu” que é “desbancado” pelo “Eu Ideal”.

Outro ponto, sobre o qual questionamo-nos, está ainda nas reflexões de Han (2017) e, tomando-se o professor como centro de nossa discussão, diz respeito ao modo como o ensinante que não consegue alcançar o seu “eu ideal”, vivendo seu “eu real” consegue manter-se laborativo e sadio mentalmente, dentro da sala de aula?

Nesta perspectiva, a vida cotidiana nos envolve de maneira a entendermos que o acúmulo de saberes se faz necessário para ocupar os espaços vazios de nossa rotina. O cultivo do ócio, agrega-se ao sentimento de culpa. Há uma relação sobre a sociedade do cansaço quando entendemos que o simples ato de descanso traz a impressão de falta de produtividade. Han (2017, p.71) fala disso como o “Infarto da Alma” e, segundo o autor, o cansaço da sociedade é solitário, individualiza e isola. O que leva o ensinante, no caso, buscar incansavelmente o seu “eu ideal”, ocupando todos os horários de trabalho, evitando que comentem o ócio em um determinado período.



O fato do professor procurar seu “eu ideal” encontra-se respaldado também nas palavras de Figueiredo (2018, p. 350) quando ele escreve “[...] que no século XXI reivindica-se uma técnica multitasking (SIC) (multitarefa), a qual consiste em modelar a atenção e o tempo dos indivíduos em várias direções”. Ainda neste vértice, Han (2017, p. 34) acrescenta que “[...] capacidade para a atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso.”

E, como mencionado anteriormente, esta reação hiperativa, leva-nos à um outro comentário que Han (2017, p. 41) aludiu sobre um pensamento de Arendt, quando ela explicita que a sociedade moderna “[...] aniquila toda a possibilidade de agir, degradando o homem a um animal laborans - um animal trabalhador”. Este animal laborans é associado aqui ao ensinante, sujeito ao desenvolvimento da síndrome de Bournout, como um transtorno mental atual, por não permitir-se um descanso, que encontra muitas vezes uma dificuldade de retirar de si, esta pele cansada, fatigada e cobrada pela sociedade.

Assim, questionamo-nos novamente como desbridar esta pele sindrômica do ensinante, necrosada pelo tempo, em busca incansável do “eu ideal”, exigida por esta sociedade pulsante? Infere-se aqui, como resposta, uma possibilidade de evitar pensamentos e ações imediatistas de como agir neste caso, em que o próprio Han (2017, p. 52) esclarece que este animal laborans ao “Reagir de imediato e seguir a todo e qualquer impulso já seria uma doença, uma decadência, um sintoma de esgotamento.”

Antes de avançar por esse caminho, caberia elucidar aqui um recorte sobre a cena do filme “O Cisne negro”, quando o diretor da peça de balé dirige-se a protagonista: “Você não tem nenhum obstáculo a superar a não ser você mesma”. Han (2017) relaciona que tal cena possibilita uma liberdade e, a perseguição da meta violenta psíquica e corporalmente do sujeito. A relação convincente é de que este professor narcísico e a exigência de seu desempenho solicitado em nossos dias e, que se não realiza as suas metas, acaba concorrendo consigo próprio e é incapaz de chegar à sua conclusão. É ilusório, segundo Han (2017), portanto, associar tais atividade excessivas pretensamente autônoma à esta conquista de liberdade, culminando em um “ego ideal”.

Dentro deste panorama, Corbanezi (2018, texto digital) revela uma autoexploração latente do profissional sobre a supervalorização que o mercado deseja dos sujeitos em suas condutas de vida. Tal desempenho para o autor está associado a explorar-se a si próprio de modo ainda mais efetivo “[...] quando se mantém aberto para tudo”. Isso fica mais claro ainda nas contribuições deste mesmo autor (2018) quando versa sobre o modelo produtivo atual que transcorre inteiramente a existência individual, submetendo o indivíduo, neste caso, o ensinante às novas coações. Daí a ideia de Han (2017, p. 101) de que “[...] o sujeito de desempenho pós-moderno não está submisso a ninguém”, salvo a ele próprio.

E aqui chegamos a uma indagação importante, que diz respeito à esta submissão a si próprio, questionando-se: como o ensinante se percebe? Talvez possamos nos deixar tomar pelas palavras de Bontempo (2018, texto digital) que possivelmente contempla este questionamento quando traz à luz do entendimento de Han (2017) quando alega que a ideia de Arendt é o “[...] quanto mais ativos nos tornamos mais somos livres não é pertinente, visto que novas formas de coerções são criadas quando a realização da atividade é decorrente da hiperatividade”.

Uma outra consideração, diz respeito as abordagens relevantes de Nietzsche (2011, p. 46), que, para os propósitos deste texto, alude a um pensamento de sua obra “Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”, elencando uma questão: “[e] também vós, para quem a vida é furioso trabalho e desassossego: não estais muito cansado da vida?”

Desta maneira, como afirma Figueiredo (2018, p. 95), “Afetos, emoções, outros desejos já não cabem na carreira desenfreada em busca de uma realização mais e mais completa de um Eu Ideal”. Tal confirmação de Figueiredo (2018) que faz uma aliança ao que foi pontuado por Nietzsche (2011), a qual recai novamente as observações de Han (2017) em que o “Supereu” e seus “Ideais de Eu” ficam totalmente subordinado ao “Eu ideal”, culminando assim, neste sujeito ensinante, cansado, esgotado e patologizado.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto conversou sobre a sociedade do cansaço, a relação com o trabalho do ensinante e as distâncias construídas sobre o eu ideal (aquilo que é imposto pela sociedade) e o eu real (o que realmente acontece pelos nossos desejos).

Desbridar esta pele necrosada do ensinante, é fazer uma analogia deste profissional em se perceber, antes de tudo, que esta cobrança da sociedade pelo profissional excelente, há um ser humano a frente, que sofre, que possui o seu tempo e que pode alcançar as suas metas pessoais, todavia, precisa se perceber que existe um tempo que é somente dele, que não há necessidade de adoecer psiquicamente para mostrar à uma sociedade que ele consegue como alguns outros já conseguiram atingirem o “Eu ideal”,



retirando de si, esta pele necrosada provocada pelas mazelas impactantes desta cobrança social, que enclausuram o sujeito na contemporaneidade.

Desta forma, algumas incertezas sobre o modo de pensar e agir frente a uma sociedade que este ensinante deve se portar, nos fazem concluir e pensar a respeito da distância entre o querer e o precisar, dando assim, um novo significado a visão de liberdade e, evitar assim, uma sociedade cansada como foi debatida por Han (2017).

3 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro. Título original: *LiquidModernity* Tradução autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, de Oxford, Inglaterra. Copyright (c) 2000, Zygmunt Bauman Copyright (c) 2001 da edição em língua portuguesa: Jorge Zahar Editor Ltda.

BONTEMPO, Valéria Lima. **Resenha: Sociedade do cansaço**. Sapere aude – Belo Horizonte, v. 9 – n. 17, p. 348-354, Jan./Jun. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Edgar/Downloads/17171-Texto%20do%20artigo-64191-1-10-20180713.pdf>. Acesso em 16 jan. 2020.

COLASSANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia. Projeto releituras**. 1972. Disponível em: <http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp>. Acesso em 16 jan. 2020.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Trauma e dissociação na “contemporaneidade” De volta ao assunto vinte anos depois**. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 40, n. 39, p. 91-108, jul./dez. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Edgar/Downloads/v40n39a05.pdf>. Acesso em 17 jan. 2020.

CORBANEZI, Elton. **Sociedade do cansaço. Resenha. Tempo Social Print version** ISSN 0103-2070 On-line version. ISSN 1809-4554. Tempo soc. vol.30 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702018000300335&fbclid=IwAR1b6Q0qulVDu3IZ3iT8yN-KYNQTNdkQDL3gqpwUIE2CIVtKWjFadFmx4>. Acesso em: 17 jan. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Ênio Paulo Giachini, 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, 128p

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

Informações sobre os autores:

EESA: Doutorado Acadêmico em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES (2020). Atualmente é professor na Universidade Gurupi-UNIRG/Tocantins. E-mail: erivansilva0091@yahoo.com.br.

ESAJ: Mestre Acadêmico em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES (2020). Atualmente é professor na FESSUPA/ Pará. E-mail: ernijrazevedo@hotmail.com.

IMG: Possui graduação em Matemática - Licenciatura Plena pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Especialização em Ensino de Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS), Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente é professora titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates de Lajeado, RS, vinculada ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. Coordena o Grupo de Pesquisa Práticas, Ensino e Currículos (CNPq/Univates). Também atua, como docente permanente, no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas e Programa de Pós-graduação em Ensino da Instituição, coordenando este último. Tem experiência na área de Matemática, com ênfase nos seguintes temas:



Desbridar a pele necrosada do ensinante: o cansaço do corpo

Ensino de Matemática na Escola Básica e Nível Superior e Etnomatemática. É Pesquisadora CNPq, Nível 2. E-mail: igiongo@univates.br

MDH: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS (2002), especialização em Gestão Educacional - administração, orientação e supervisão pela Faculdade de Taquara FACCAT (2004), mestrado (2007) e doutorado (2014) em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS. Atualmente é professora Adjunta da Universidade do Vale do Taquari onde também é docente permanente do PPGEnsino. Tem interesse de pesquisa, especialmente nos seguintes temas: gestão e políticas educacionais, inclusão, performatividade, currículo e formação de professores. Possui experiência docente em escolas regulares em todos os níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Superior). Membro integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão (GEPI/UNISINOS/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq). E-mail: mdhattge@univates.br

EHHT: Doutorado Acadêmico em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES (2020). Atualmente é professor na FIESC/UNIESP, de Colinas/Tocantins. E-mail: edpsico@yahoo.com.br.

Contribuição dos autores: EESA: conceitualização, captação de recursos, supervisão, redação.